

## **O SERTÃO EM ARTICULAÇÃO: PAPEIS E DETERMINAÇÕES URBANO-REGIONAIS A PARTIR DE UMA CIDADE DE COMANDO REGIONAL PIAUIENSE**

Juscelino Gomes Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI

[geocelino@hotmail.com](mailto:geocelino@hotmail.com)

### **RESUMO:**

O presente texto, analisa os papéis e determinações, que a cidade de Picos/PI, tem assumido, para fortes articulações e alcance de influências, em seu contexto regional de localização. Dois caminhos metodológicos, norteiam a construção da pesquisa: o primeiro, de base teórica, entre diferentes pensadores, na literatura urbano e regional. O segundo, de natureza quantitativa, por meio de diferentes dados, com destaque, para os estudos do IBGE: Gestão do Território – Fluxos e Redes (2014) e REGIC (2007). O papel assumido por Picos/PI, em seu território regional, tem sido de uma importante Área Urbana Funcional (FUA). Tem determinado este fato, a constituição de um forte policentrismo, cujos aspectos marcantes são, os da morfologia e as relações entre áreas urbanas, via dinâmica de fluxos financeiros e populacionais, bem como, de interações espaciais, fatos que lhe posicionam como uma Cidade de Comando Regional Piauiense.

Palavras-chave: Área Urbana Funcional. Policentrismo. Articulação. Picos.

GT-3: Cidades médias e reestruturação urbana: tendências empíricas e desafios teóricos

### **1 INTRODUÇÃO:**

Situada nos sertões leste, do território piauiense, a cidade de Picos, tem em seu quadro regional de localização, sob sua influência, cinquenta e cinco municípios. O grande raio de polarização e comando, em sua região, é justificado pela presença e concentração, de um variado conjunto de comércios e redes de lojas, bem como de serviços, sejam eles, públicos e ou privados, voltados, por um lado, para os setores de saúde e educação, e também, por outro, para o fomento da produção dos Arranjos Produtivos Locais (APL's) do caju e apícola.

A centralidade destes equipamentos/serviços, diariamente, instiga o movimento, de grandes fluxos populacionais, rumo à Picos, buscando negociar, consumir e resolver uma série de demandas pessoais. Nesse contexto, é observada, uma intrínseca relação, entre este conjunto de cidades, com sua região, resultante das dinâmicas territoriais, fortemente acumuladas, nas últimas duas décadas, fatos que expõe, a base regional de Picos, à lógica de conexão, do lugar-mundo.

A qualificação de Picos, enquanto uma importante Área Urbana Funcional (FUA), ganha escopo de importância, quando se faz conjugada, com os estudos do policentrismo ou

poli-centricidade, que de modo bem direto, diz respeito, à existência de um conjunto de “centros urbanos, com diferentes funções econômicas e de gestão, com distintas capacidades e condições de centralidades urbana, que se interrelacionam, num dado espaço regional” (SILVEIRA *et al*, 2017, p. 184).

Picos, no Piauí, é a representação destes fatos: uma cidade, que em seu contexto regional, se apresenta como uma importante FUA, interagindo com um amplo número de municípios e dando condições, para um dinamismo espacial, capaz de consagrar, um novo sentido de ser e ou estar, nos sertões, pois, secularmente, esta categoria, na perspectiva imagética, dos discursos e planejamentos estatais de gabinete, sempre foi sinônimo de atraso e de pouca vanguarda, comparativamente, a outros recortes regionais do país.

Em continuidade, a este pensamento, o presente texto, analisa os papéis e determinações, que a cidade de Picos/PI, tem assumido, para fortes articulações e alcance de influências, em seu contexto regional de localização. Dois caminhos metodológicos, norteiam a construção da pesquisa: o primeiro, de base teórica, entre diferentes pensadores, na literatura urbano e regional. O segundo, de natureza quantitativa, por meio de diferentes dados, com destaque, para os estudos do IBGE: Gestão do Território – Fluxos e Redes (2014) e REGIC (2007).

O papel assumido por Picos/PI, em seu território regional, tem sido de uma importante Área Urbana Funcional (FUA). Tem determinado este fato, a constituição de um forte policentrismo, cujos aspectos marcantes são, os da morfologia e as relações entre áreas urbanas, via dinâmica de fluxos financeiros e populacionais, bem como, de interações espaciais, fatos que lhe posicionam como uma Cidade de Comando Regional Piauiense.

O artigo é constituído de quatro seções: (i): Áreas Urbanas Funcionais (FUA's), Policentrismo Funcional e Cidades de Comando Regional: elementos teóricos, referências empíricas; (ii) Picos/PI: da sua localização à sua caracterização regional; (iii) Região sertaneja do Piauí em interatividade: Picos/PI em destaque e (iv) Considerações finais. Finaliza a composição, a listagem das referências bibliográficas.

## 2 ÁREAS URBANAS FUNCIONAIS (FUA'S), POLICENTRISMO FUNCIONAL E CIDADES DE COMANDO REGIONAL: ELEMENTOS TEÓRICOS, REFERÊNCIAS EMPÍRICAS

Em princípio, é necessário lembrar que, o entendimento acerca das FUA's, passa pela compreensão conceitual, sobre regiões funcionais, que diga-se de passagem, é multiforme, ou seja, há uma gama variada de sentidos teóricos/conceituais que a envolve. Tal condição, é dada pela variedade,

dos aspectos relacionais que esta categoria analítica aborda: relações urbano-rurais; rurais-urbanas e ou ainda ambas, de forma paralela.

De forma direta, Ferrão (2012, p. 10) nos diz que as regiões funcionais são caracterizadas “sempre por possuir interações relevantes e por deter, efetiva ou potencialmente, uma estrutura bem definida e hierarquizada, ainda que nem sempre facilmente delimitável”

Interações, sinônimo de ligações/conectividades, aparecem como ideias chave destas regiões. Pensando assim, tal condição, pressupõe que as mesmas, mantenham diálogos e laços de dependência, à própria região ou com outras regiões, delas próximas (ou não necessariamente!), a partir de suas funcionalidades (leia-se serventias, funções e ou usos). Contudo, não se está a falar, das regiões, em sentido *per se*, sem conteúdo, mas dotadas de recortes territoriais urbanos, com respectivas funcionalidades.

Nesse contexto, a discussão de regiões funcionais, tem uso renovado no planejamento regional, a partir da União Europeia e OCDE. O reconhecimento e importância de tais regiões, para estes organismos, se dá em dois níveis: o analítico (construção de diagnósticos e cenários prospectivos) e o de intervenção (visão estratégica de desenvolvimento e de políticas públicas).

Nesse contexto de visão, a partir dos órgãos citados, a definição de regiões funcionais perpassa três perspectivas conceituais: *Travel-To-Work Area* (espaços para onde se viaja à trabalho); Áreas Urbanas Funcionais (na Europa, é tomado por base, a funcionalidade, a partir dos fluxos migratórios, entre centros urbanos de influência, que apresentem populações, entre 15 a 50 mil habitantes) e Região Funcional (toma como referência de critérios, os movimentos pendulares e mercados de trabalho).

Há algo em comum, entre as perspectivas apresentadas: movimentos, fluxos. Estes elementos, ajudam a conectar e dar sinergia, entre as cidades e as regiões, qualificadas como funcionais. Partindo da realidade europeia, a mobilidade dos fluxos, se dá entre diferentes motivos, sobretudo, os que “estão ligados aos mercados de trabalho e educação, bem como à formação familiar, enquanto os motivos para se deslocar dentro das FUA’s estão mais ligados a atributos qualitativos” (ANTIKAINEN, 2005, p. 447).

Na verdade, uma FUA, é um recorte/pedaço de uma região funcional. Sua principal marca, é a alta frequência de interações, a partir das diferentes populações, que moram em outras cidades, do recorte regional, para com, os diferentes segmentos econômicos. Destes, há destaque, para os ramos de comércio, de bens e serviços, acompanhados pelos deslocamentos para atividades de trabalho, processadas no interior da região.

Com isso, o elo de relações e de ligações, entre as cidades e destas com suas regiões, se fazem respaldadas, pelo agrupamento de atividades, bem como, de uma infraestrutura regional de transportes, capazes de facilitar, o amplo movimento e mobilidade de pessoas, produtos e insumos, dentro de suas fronteiras (KARLSON; OLSSON, 2006).

No contexto da realidade brasileira, mas particularmente, sobre as cidades localizadas fora dos quadros metropolitanos, vale lembrar os motivos, que desde os anos de 1980 vem animando a promoção de novos quadros urbanos regionais, referendados pelas mobilidades populacionais que “vem circulando em torno da desconcentração industrial/populacional, reestruturação produtiva, redução nos volumes dos fluxos migratórios, baixa atratividade das metrópoles nacionais, mudança no mundo do trabalho” (OLIVEIRA, 2006, p. 16).

Paralelo às FUA's, também advindo, da realidade urbano e regional da Europa, sobretudo, com fins de estudos e planejamento/gestão dos territórios regionais, emerge o ideal de policentrismo funcional, a partir do Observatório Europeu de Ordenamento do Território (ESPON).

Sua perspectiva, está atrelada à sobreposição da visão de cidade monocêntrica, oportunidade em que, as novas formas espaciais urbanas contemporâneas, dão sentido de compreensão para visão da cidade policêntrica, com vários centros e a partir destes, diferentes usos e funcionalidades, particularmente, por destacar e correlacionar dois aspetos complementares à esta compreensão tradicional, de policentrismo: a morfologia do espaço (número e hierarquia de cidades) e as relações funcionais entre áreas urbanas (redes, fluxos, cooperação) (ESPON, 2005).

Partindo destes dois aspectos complementares, o conceito de policentrismo, no espaço europeu é “definido com base na especialização funcional das áreas urbanas e não com base no seu tamanho ou dimensão, sendo referenciado como um modelo alternativo ao da concentração metropolitana em torno de grandes cidades” (NUNES *et al*, 2012, p. 28).

Depreende-se de um lado que, quando se fala em morfologia do espaço, reporta-se às variáveis, que dizem respeito a hierarquia urbana, quantitativo de cidades, bem como sua distribuição. No tocante as relações funcionais, cabe lembrar das capacidades de fluxos, sejam eles materiais e ou imateriais, bem como, o sentido de cooperação, entre as unidades urbanas regionalmente envolvidas.

Por outro lado, mencionar o aspecto da morfologia, é necessário lembrar da possível capacidade de contiguidade, de áreas urbanas construídas, envolvidas na dinâmica de relações

regionais, a partir da principal FUA. Na Europa, tal condição, é conhecida como *morfological urban areas - MUA's* ou áreas urbanas morfológicas.

É formado entre ambas, “cinturões pendulares”, cuja principal marca, são os movimentos e mobilidades, de pessoas, dos núcleos urbanos vizinhos, rumo às MUA's, com destino à postos/atividades de trabalho. Nesse contexto, estudos da ESPON (2011), expõe a definição da forma, como se apresentam a estrutura e os limites de abrangência, dos contornos espaciais de uma FUA. É reconhecido assim, as principais dimensões, que constituem aquelas cidades: a morfológica e a funcional.

Concerentemente à realidade urbana no Brasil, ainda que em muitos pontos e características, destoem da realidade europeia, se faz reconhecível, a constituição e complexificação das espacialidades urbanas, em diferentes quadros regionais, onde os “arranjos urbanos brasileiros têm se desenvolvido em diferentes contextos da metropolização contemporânea, que se caracterizam pela complexidade das relações intraurbanas e pelo dinamismo de suas atividades” (PESSOA, 2011, p. 315).

Nesse contexto, a cidade de Picos, no Piauí, ainda que localizada, fora dos quadros metropolitanos, apresenta condições complexas, na organização de suas formas espaciais, bem como de relações com outras unidades por elas polarizadas. É destas condições que, o Projeto ESPON, no contexto das discussões aqui em apontamento, baseado em Durh (2005), traz colaborações, à compreensões, sobre a realidade urbano e regional em apreço.

A referida autora, considera importante, em análises, das formas em questão, três aspectos de policentralidades: Morfologia, Relações entre Áreas Urbanas e de Governança. A compreensão mais apurada e de forma representativa, é apresentada na figura 1, logo a seguir.



Fig. 1: Aspectos de policentricidades a partir do Projeto ESPON.  
 Fonte: Baseado em Dühr (2005).

Diferentemente dos dois primeiros aspectos, o aspecto de governança, não é alvo de análise empírica e discursiva, no âmbito desta pesquisa. No tocante ao aspecto da morfologia, enquanto componente de análises desta pesquisa, o mesmo emerge, como forte contribuinte, à compreensão das diferentes interações espaciais, no conjunto regional de Picos, cuja representação concreta se dá, pelos fluxos intraregionais e interurbanos.

Justifica a constituição dos diferentes fluxos, processadas no território da regional de Picos e cuja “desembocadura” se dá sobre esta cidade, o forte adensamento e localização das atividades, comerciais e de serviços, influenciadores do reconhecimento dos padrões de policentrismo, revelador em parte, de sua capacidade funcional.

A outra parte, que venha ampliar a visualização, da funcionalidade urbana de Picos, é a que diz respeito, da relação entre as áreas urbanas. No contexto das cidades europeias, este aspecto é extremamente determinante, sobretudo, à luz dos interesses dos diferentes documentos que orientam o desenho de planejamento territorial, como foco nas realidades urbanas, na escala regional.

A constituição de relações, especialmente, a partir das cidades situadas fora dos quadros metropolitanos, considerando seus diferenciados recortes de localização e o volume de cidades por elas polarizadas, se faz à luz da correlação de forças, entre “sinergias e os fluxos da estrutura espacial (estrutural) e da cooperação voluntária (institucional) dentro de um sistema urbano” (DUHR, 2005, p. 235-236).

Essa correlação, vai ao encontro, com o ideal de funcionalidade policêntrica. As relações materializadas no âmbito do sistema policêntrico, movimentam mercadorias, pessoas, investimentos, interesses, perda e ganho de identidades territoriais. Tais características, se ampliam à medida que, o raio de alcance, de influência da cidade principal, se dá sobre outras, no recorte regional, de modo progressivo, a contar pelos seus “nós” de interligação.

Nesse encaminhamento, Green (2007, p. 2082) nos esclarece que a edificação destas relações, via de regra, se materializam em dois momentos: em primeiro lugar, o “espaço em questão deve conter mais de um nó”, e, segundo, “os nós devem ser funcionalmente ligados entre si, de modo que se não houver conexões funcionais entre os nós, então não se pode dizer que exista a policentricidade funcional”.

Essa correlação, no caso brasileiro, sejam elas, em quadros metropolitanos e ou fora dos mesmos, nas denominadas cidades médias, é situada no contexto dos dinâmicos “interesses econômicos, influenciados pelos meios de transportes e redes de comunicações, atuam com fluidez

nos mais diversos territórios, se manifestando na apropriação do espaço intraurbano das cidades médias e das metrópoles” (ANDRADE, 2015, p. 67).

Temos então, palavras chave que explicam e justificam os fortes quadros de transformações na ordem urbana destas cidades, sua capacidade de polarização, em específicos recortes regionais: nós, fluxos, sinergias, ligações.

Dada a realidade de Picos, múltiplos são os caminhos, que organizam as relações e as capacidade de integração regional, conforme, é possível observar, na figura seguinte.

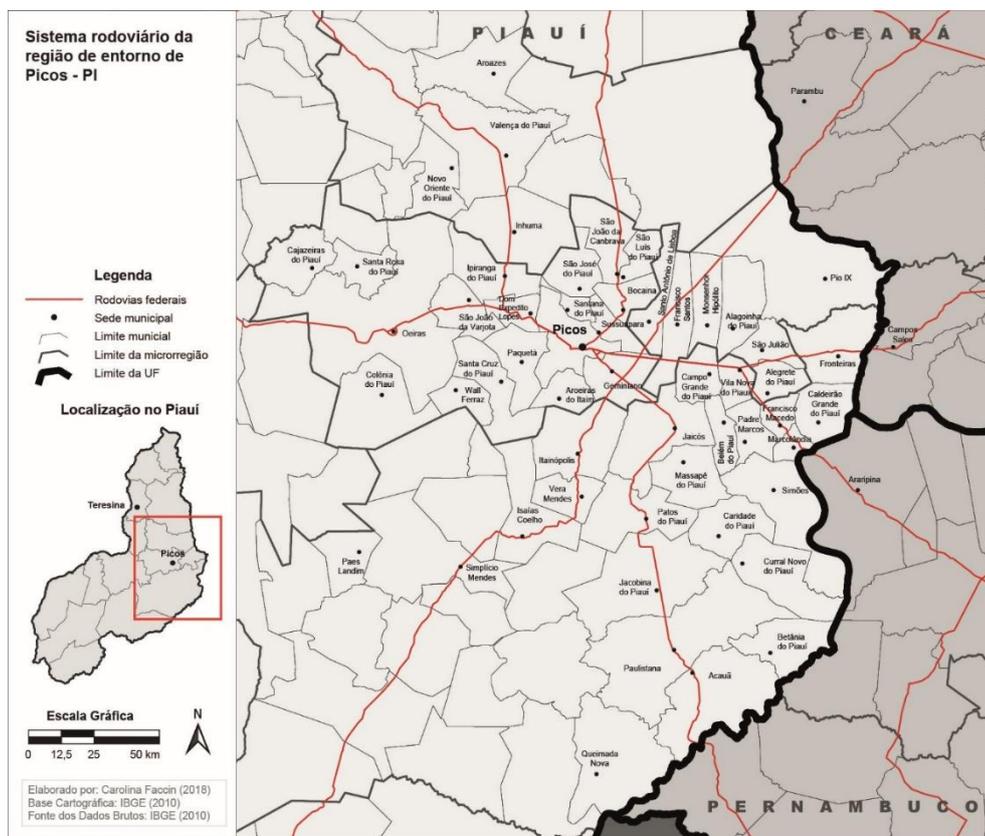


Fig. 2: Os “nós” de ligação na região de Picos/PI.  
Fonte: IBGE (2010).

Como se vê, Picos, está interconectada por rodovias federais, estaduais e uma multiplicidade de caminhos que conectam, o rural com o urbano, revelando assim uma forte capacidade de integração e complementariedade, entre as partes municipais, em interações.

A funcionalidade assumida, no interior de sua região, lhe agrega uma qualificação extra: uma espécie de “caixa de ressonância”, dos processos socioespaciais, que de forma dinâmica e constante, se desenvolvem. Esta capacidade, ganha visibilidade, quando olhamos não apenas para Picos, mas particularmente, o conjunto de outros municípios que compõe seu quadro regional de referência.

Estes fatos, nos dá elementos e condições convincentes, a partir de Picos, para a compreensão da mesma, enquanto uma cidade de comando regional. Colabora para esta essa tomada, a necessidade de não interpretar aquela cidade sertaneja piauiense e suas qualificações, à luz do rico e não consensual debate conceitual, em que são apresentadas muitas variações da terminologia, sobre as cidades médias, a saber: intermediárias/intermediárias e ou de porte médio.

Com isso, não é pretendido encerrar e ou negar o valor do debate, em tela, mas sim, oportunizar o alargamento do mesmo, por meio de outras perspectivas e critérios, pois, tão importante como “definir preteritamente a escala de abordagem da investigação é a não definição do centro urbano como cidade média antes da realização da pesquisa, uma vez que a cidade deve ser primeiramente analisada para depois ser definida como média [...]” (OLIVEIRA & SOARES, 2014, p. 119).

Nestes termos, a persistência das nomenclaturas, que ainda colaboram para a ideia quantitativa, do que são e representam estas cidades, instiga a refletir que o termo médio e seus correlatos, do ponto de vista da complexidade morfológica e funcional, na qual estas cidades estão atravessando, não conseguem mais dar conta do que são e representam as mesmas, seja na escala regional ou nacional.

É nesse contexto que, o ideal de Cidades de Comando Regional, se referenda a toda e quaisquer cidades, dentro de seu contexto regional de localização, detentoras de dinâmicas de transformações acumuladas. Contam ainda, uma forte reestruturação, reorganização e novas ocupações de patamares na rede urbana brasileira, fatos que ampliam o convencimento de que o termo cidade média e seus correlatos não assumem mais função explicativa e condições para reflexão.

Nestes termos, as Cidades de Comando Regional, se referem:

todas e quaisquer cidades, independente de seus tamanhos, mas dotadas de capacidades produtivas, com funcionalidades diversas e inseridas dentro dos diferentes circuitos de investimentos capitais, tomando por base, suas potencialidades regionais e respaldadas, por diferentes interações espaciais, responsáveis para processos de integração e/ou desenvolvimento regional” (LIMA; SILVEIRA, 2018, p. 35).

Tal conceituação, explicita os elementos necessários, para se pensar as cidades e seu contexto regional, qualificando assim, condições para suas funcionalidades. Dessa forma, é possível falar em Cidades de Comando Regional Gaúchas, Paraenses, Pernambucanas, entre muitas outras, a exemplo respectivamente de Santa Cruz do Sul, Santarém, Petrolina, que quando comparadas à Picos, no Piauí, tem em comum, o fato de polarizarem um amplo número de

municípios, se apresentando como importantes nós, com fortes capacidades de comando, em suas redes e territórios urbano regionais.

Sobre tais cidades, as dimensões econômicas, produtivas, de investimentos, tem revelado, mais do que nunca, os sentidos da forte financeirização em que as mesmas, tem sido submetidas. Este fato, é respaldado, não mero à caso, na busca de aproveitamento das potencialidades regionais.

Por fim, dois termos que não são valorizados, nas discussões sobre as cidades médias e suas variações, ao considerar seus papéis, em seus contextos regionais: a capacidade das cidades de comando promoverem integração e ou desenvolvimento regional. Picos, nesse entendimento, empiricamente falando, é uma Cidade de Comando Regional Piauiense, como se verá, mais adiante, com fortes condições de integração e menos de desenvolvimento, em sua região.

### 3 PICOS/PI: DA SUA LOCALIZAÇÃO À SUA CARACTERIZAÇÃO REGIONAL

Para fins de apresentação, Picos/PI, no contexto do território piauiense, está situada no Sudeste do Piauí, nos recortes do semiárido piauiense, conforme é observado na figura 3, a seguir. Em termos demográficos, a estimativa populacional do município para o ano de 2018, era de 78.002 habitantes (IBGE, 2018).

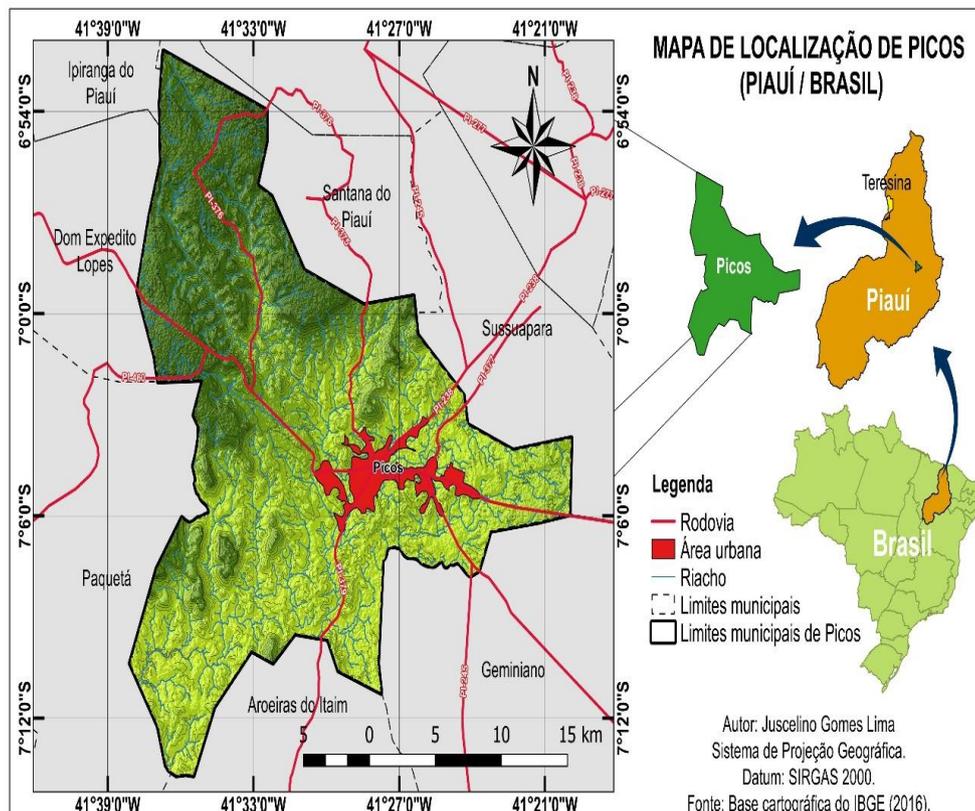




Fig. 3: Mapa de localização de Picos/PI.  
Fonte: IBGE (2016).

Distante 307 km da capital do Piauí, Teresina, a cidade de Picos, tem sua localização em espaço geoambiental sertanejo, assim como também, o conjunto de outros municípios, que por ela são polarizados. Tal localização, rendem-lhes, seja do ponto de vista e conteúdo paisagístico, seja do ponto de vista produtivo, distinção ímpar, quando comparado à capital Teresina.

Este último ponto, ganha dimensão, ao se considerar que, o período das secas anuais (de junho a dezembro, com findar do período concentrado de chuvas), é marca registrada dos sertões. Tal registro, por um lado, é sinônimo de desconforto térmico e agruras sociais graves. Por outro lado, em aspecto positivo, é contribuinte para expressivas produtividades, oriundas dos Arranjos Produtivos Locais (APL's) do Caju e Apícola.

Os processos produtivos, a partir de tais APL's, tem desde o fim dos anos de 1990, animado e reorganizado as novas relações entre o campo e a cidade. Tal condição, entre os anos de 1980 até a primeira metade dos anos de 1990, foi determinado pela produção de alho, às margens do Rio Guaribas. Este, apesar de temporário, na fase anual de chuvas concentradas, permite a renovação do espírito produtivo e de esperanças, em dias melhores, do homem sertanejo.

Após o declínio dos ciclos produtivos e econômicos, permitidos pela dinâmica produtiva do alho, a emergência dos arranjos em questão, tem sido determinante, em grande medida, para o posicionamento que Picos assumiu, dentro do quadro regional, conjuntamente com outros municípios, sob sua influência, representados pelas múltiplas interações espaciais e as dinâmicas de mobilidade populacional.

É nesse contexto, que Picos, em seu recorte regional, tem se apresentando “como uma espécie de “escritório” do setor rural. A presença de vários bancos, instituições de pesquisas, lojas de incrementos e insumos agrícolas reforçam as atividades rurais” (LIMA *et al* 2017, p. 18)

Ainda pautado, em sua localização, como referência, enquanto ponto de partida de apresentação, é importante mencionar que Picos/PI, apresenta elementos indicativos que influenciam a sua centralidade urbana, seja no contexto interurbano, como também na escala inter-regional.

Um dos primeiros elementos, fala da sua importância, enquanto travessia, entre diferentes fluxos de pessoas e mercadorias, já que é o segundo maior entroncamento rodoviário do Nordeste brasileiro (o maior considerado, é Feira de Santana/BA), atravessado pela BR Transamazônica.

Outros motivos, apontam ainda nessa direção: a concentração de um amplo cabedal, de atividades comerciais e de serviços, abastecendo e atendendo uma grande quantidade de

municípios, tanto nos sertões piauiense, como também, dos estados do Ceará e Pernambuco, uma vez que seu raio de influencias regionais, se dá sobre 55 municípios, extrapolando assim, as fronteiras do Piauí, conforme se vê, na figura 4 a seguir.

É importante lembrar que, tal amostragem, pautado primeiramente, no levantamento dos estudos do REGIC IBGE (2007), Picos, possui um raio de influência regional sobre 34 municípios. Por meio de pesquisas empíricas, foi detectado mais 21 municípios polarizados.

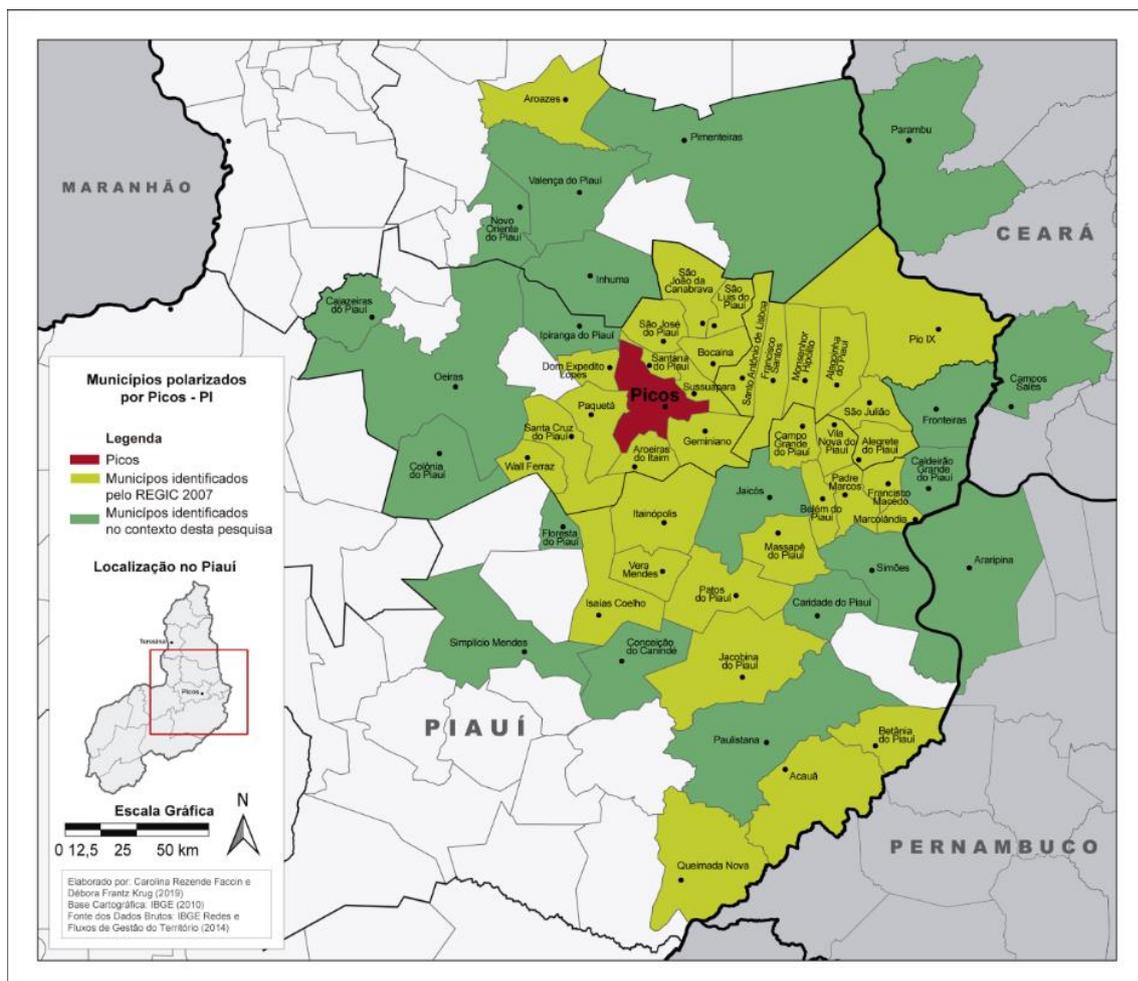


Fig. 4: Municípios polarizados por Picos.  
Fonte: IBGE (2010); Pesquisa direta (2018).

O grande destaque da amostragem, são as cidades que se localizam externamente ao território piauiense. Como já dito, pesa nessa capacidade, de ampla polarização e comando regional, a partir de Picos, os motivos do poder comercial e de serviços ofertados. Associado a isto, sua estratégica localização, nos sertões leste do Piauí, enquanto importante entroncamento rodoviário, do Nordeste brasileiro.

Além destes fatos, é importante lembrar que todas estas cidades, estão a muitas centenas de quilômetros distantes, das capitais de seus respectivos estados, fato que respalda o conjunto de motivos atrativos, para o poder centralizador de Picos e assim, a consolidação de sua capacidade de comando regional.

Analisando o alargado poder de polarização, influências e comando regional de Picos, numa perspectiva comparativa, é tomado duas importantes cidades, também localizadas, nos sertões nordestinos. São destacadas, as cidades de Sobral (CE) e Mossoró (RN). Ambas, em comum, possuem uma população em mais de 220 mil habitantes. São importantes nós, de sua rede urbano regional, cuja principal marca de suas economias, é a dinâmica de comércios e serviços, além de industrial. Nesse sentido, pelos estudos do REGIC (IBGE, 2007), Sobral (CE), apresenta, um raio de influência sobre 34 municípios, enquanto Mossoró (RN), contabiliza 35, no total.

Apenas a título de informação, as cidades de Sobral (CE) e Mossoró (RN), gigantes do interior do Nordeste brasileiro, tem capacidades e qualidades, sejam elas econômicas, bem como produtivas, bem superiores à Picos. No entanto, a própria história de Picos e suas diferentes fases, nos diferentes contextos de formação socioespacial e econômico, colaboraram decisivamente, para a determinação de seu papel, funcionalidades, importância e logicamente, de comando, no contexto regional, dos sertões do Piauí, em tempo atual.

#### 4 REGIÃO SERTANEJA DO PIAUÍ EM INTERATIVIDADE: PICOS/PI EM DESTAQUE

Conforme já visto, as interações espaciais, entre Picos e os municípios de seu contexto regional, em tempo atual, tem sua gênese, a partir da reestruturação produtiva, oriunda do campo, com o fim das atividades, em torno da cultura do alho, às margens do Rio Guaribas e a emergência dos APL's.

O conjunto de mudanças, não apenas reorganizou, a relação campo x cidade, como também, reestruturou um quadro econômico, de uma região pobre, cuja dependência, dos fatores naturais (períodos de seca x períodos de chuvas), ainda é forte, no que diz respeito à garantia de trabalho e sustento, em inúmeros lares, nos sertões do Piauí.

Junto desta dependência, além da reestruturação, não só produtiva, como também econômica, foi possível, a emergência e posicionamento de Picos, enquanto uma cidade de referência, na região em apreço. Tal condição, é pautada na concentração de diferentes equipamentos comerciais e de serviços, fato que consagra àquela cidade, a condição de uma “bacia” de empregos.

Estes fatos associados, explicam e justificam a dimensão dos fluxos, processados na tessitura das relações interurbanas, entre Picos e os municípios polarizados. A partir da tabela 1 a seguir, é possível o vislumbrar, do quadro de mobilidades e transportes, sobre Picos. Tais dinâmicas, de movimentos diários, não ao mero à caso, lhe posicionam como uma importante FUA.

### **Picos – Mobilidade e transportes no território regional**

<b>Quantitativos e Características Gerais</b>
▪ 130 linhas transportes alternativos;
▪ 14 empresas intermunicipais;
▪ 4 empresas intermunicipal/inter-regional;
▪ Aproximadamente 200 veículos clandestinos;
▪ Semanalmente recebe uma população 20-40 mil pessoas.

Tabela 1: Picos – mobilidade e transportes no território regional.  
Fonte: Secretaria de Trânsito da Prefeitura de Picos e COOCAVEPI (2017).

Os números ao tempo que impressionam pela grandeza, já que estamos falando de uma cidade que contém menos de 75 mil habitantes, nos mostram que os mesmos, resultam do comando que Picos possui, sobre 55 outras cidades, com até 200 km de distância.

Obviamente, há outros motivos, além do consumo, que alimentam a ciranda de fluxos populacionais, rumo a Picos. Contribui decisivamente nesse sentido, os deslocamentos em função de trabalho e estudos. A tomada destes dois motivos, são capazes de explicar e justificar também, por meio das fortes mobilidades populacionais, as diferentes capacidades geradoras, do fenômeno do policentrismo e a reafirmação que Picos, enquanto uma FUA, conforme se vê, resumidamente, na figura 5, abaixo

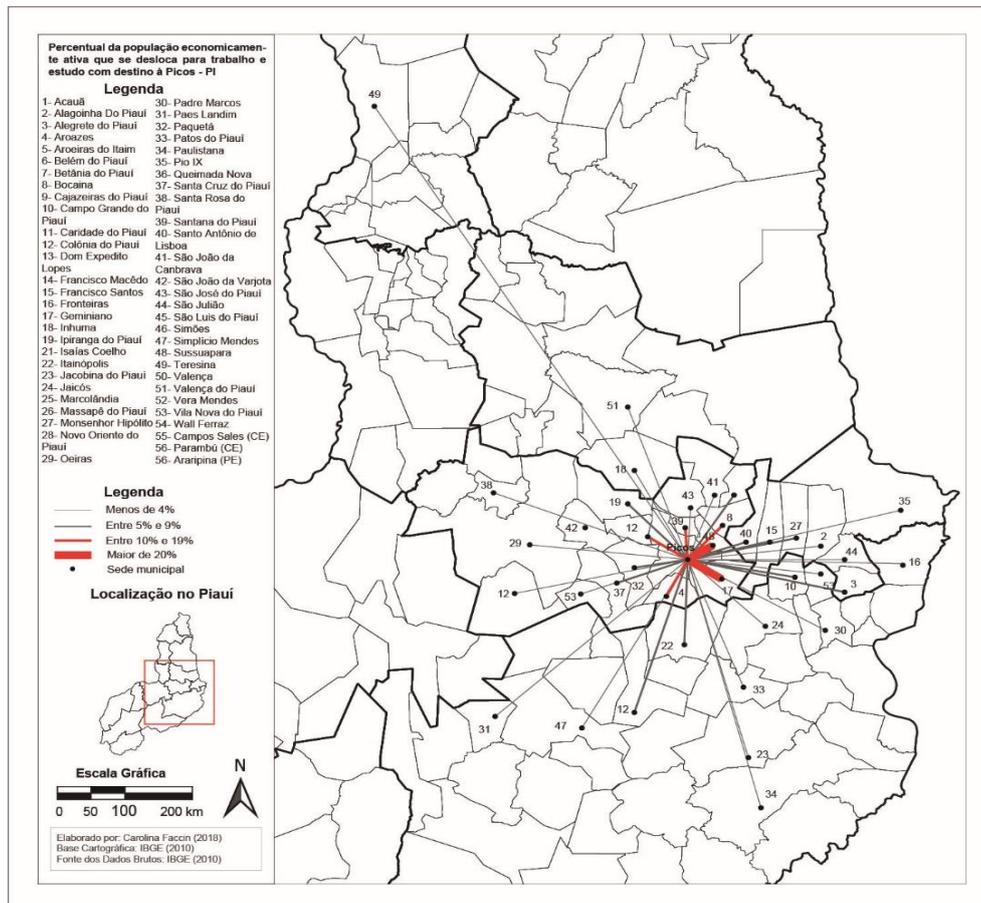


Fig. 5: Percentual da PEA deslocada rumo à Picos, para estudos e trabalho.  
Fonte: IBGE (2010).

Antes de mais, cumpre informar, que os municípios, em amostragem, segundo dados do IBGE (2010), no que se refere ao fator trabalho, são os que mais contribuem/ofertam, em termos populacionais, com mão de obra, para a cidade de Picos, ou seja, não são todos os 55 municípios polarizados. Já o fator estudo, congrega poder atrativo mais amplo, de modo que, Picos, consegue atrair pessoas interessadas em cursar uma universidade, fora dos quadros, da capital Teresina.

Assim sendo, tais fluxos, de natureza quantitativa, caracteriza o percentual de pessoas que se deslocam de um dado município, rumo à Picos, considerando a relação da população economicamente ativa do município, em que o fluxo se origina.

Nesse contexto, o IBGE, por meio de seu estudo "Arranjos populacionais e concentrações urbanas do Brasil", considera como valor mínimo, na taxação da PEA deslocada, o percentual de 10%. Entretanto, dada as particularidades, do território regional de Picos, é considerado aqueles que apresentam ao menos, 5% de sua população economicamente ativa, se deslocando para Picos, para trabalho e estudos.

Enquanto análise dos números, algumas ponderações são necessárias. A primeira diz respeito da publicação do estudo, que é 2010, fato, que reforça a existência de outras realidades, que por ventura, podem colocar a importância regional de Picos, mais ampla, a partir dos dados, dada a carência de novas atualizações.

Nesse sentido, outra ponderação, já agora, de fato, com os municípios listados, é a tomada do referencial geográfico de localização dos mesmos, com maior taxa de deslocamento para Picos: geograficamente, quanto mais próximos de Picos, maiores são as taxas em destaque, fato que colabora para compreensão, o quanto de importância, o fator emprego, gerado em Picos, em diferentes setores econômicos, representa para os pequenos municípios.

A tabela 2 a seguir, além de mostrar, os municípios com proximidade com Picos, revela também, os ramos em que as parcelas da PEA, mais se destinam ao trabalho, em Picos. A partir dos mesmos, é compreensível, a força de determinados segmentos, para com o dinamismo que se faz, entre as atividades de comércio e serviços, regionalmente demandados e ofertados, naquela cidade sertaneja piauiense.

É importante lembrar que, o conjunto de municípios aí listados, a grande maior parte, tem a “vida econômica”, particularmente, a empregatícia, fortemente vinculadas ao setor primário da economia, o que leva a refletir, a dependência, de parcela significativa de suas populações, para o amplo conjunto de oportunidades de trabalho, concentrado em Picos.

#### Setores de atividades segundo Classes CNAE-MT

Municípios cuja população se destina à Picos	Municípios					Total	% da PEA que se desloca para trabalho
	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	Transporte, armazenagem e correio	Construção	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	Educação		
Alegrete do Piauí		18				4289	1,01 %
Aroeiras do Itaim	38					2137	3,45 %
Bocaina			28			3812	1,61 %
Dom Expedito Lopes	46					5612	1,77 %
Francisco Santos					42	7205	1,07 %
Geminiano	107					4546	4,92 %
Santana do Piauí	51					4151	2,52 %

Santo Antônio de Lisboa	20	5058	0,66 %
São Luís do Piauí	19	2131	1,94 %
Sussuapara	155	5321	6,02 %

Tabela 2: Populações que se destinam a Picos, à trabalho, conforme setores e atividades empregatícia.  
 Fonte: IBGE (2010).

No tocante à amostragem da pesquisa, feita pelo IBGE (2010) e, dada as particularidades, dos números da PEA, que interessam ao debate nesse momento, convém informar que, optou-se por dar registro, aos setores com maior participação, pois, pela descrição do Instituto, há municípios da lista em questão, que aparece mais de uma vez, mas com participações, em termos de valores, por vezes, irrisório.

O setor de comércios, que agregam serviços de reparos em veículos automotores e motocicletas, foi o grande destaque. Geminiano e Sussuapara, apesar de possuírem, de forma total, uma população muito pequena, cede a maior parte de sua PEA, a este setor, em Picos. Com isso, vale destacar que, na amostragem ofertada, nessa análise, prevalece o enfoque do poder dos municípios geograficamente, os mais próximos possíveis, enquanto importante abastecedores de mão de obra à Picos.

Faz complementação, na questão da visualização, do poder centralizador, a partir de Picos, em seu contexto regional, outro fator, para fortes movimentações pendulares, o fator estudos. Nessa oportunidade, lembramos das inúmeras consequências, nos territórios, a partir do fortalecimento das políticas públicas, com vistas à expansão e interiorização do ensino.

A expansão regional de muitas unidades educacionais, de ensino técnico e superior, no Brasil, é fruto de uma época, em grandes investimentos, de políticas públicas estudantil, pesquisa e ensino, fortemente centradas, na era do governo, do ex – presidente, Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011). O foco ficou concentrado, nos níveis superiores, da educação nacional, fato que, indiscutivelmente, posicionou reflexos, acerca das “novas lógicas de funcionamento do conjunto dos lugares do território nacional” (FREIRE; HOLANDA, 2016, p. 2).

Convém lembrar que, pelo Censo Escolar (2018), do INEP, Picos abriga 99 unidades escolares, ofertantes do ensino básico, distribuída entre rede municipal, estadual e federal, de modo que as duas primeiras redes, prevalecem o maior quantitativo, contra a presença, apenas de uma unidade do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia.

No que se refere as Instituições de Ensino Superior, além da presença da Universidade Federal, Estadual e o próprio Instituto Federal, que oferta cursos superiores, há uma diversidade

de faculdades particulares, atuantes em Picos. Fazem soma aí, diversas instituições particulares, com cursos técnicos e idiomas, que impulsionam e motivam, os fluxos populacionais, que buscam oportunidades de qualificação.

Por meio destas descrições, fica claro a lógica de funcionamento e dinâmicas dos fluxos populacionais, a partir dos fatores emprego e estudos sobre Picos. No que se refere, à disponibilidade das vagas de trabalho, a soma dos números, se faz positiva, por conta da presença de novas empresas abertas, na cidade, conforme se vê, na tabela 3, a seguir.

#### Quantitativo de empresas abertas em Picos/PI (2011-2018)

Ano	Quantidade	Variação
2011	521	----
2012	418	- 24,5%
2013	651	+ 36 %
2014	519	- 25,5 %
2015	328	- 36,5 %
2016	497	+ 47 %
2017	664	+ 34 %
2018	541	- 18,5%

Tabela 3: Quantitativo de empresas abertas em Picos/PI.

Fonte: Secretaria de Finanças de Picos, 2018.

Pelos dados, apesar da oscilação, entre os anos amostrais, com ao menos 3 anos, com resultados negativos, mas seguidamente, por saldos positivos, a quantidade de empresas abertas, só reforça a tamanha força de Picos, no cenário regional, na qual se localiza. Estes fatos, atestam assim, a importância de Picos, no contexto, dos diferentes investimentos e geração, portanto, de postos de trabalho.

São estes fatos, que tem alterado, de forma substancial, o uso da terra, com a promoção, de uma série de transformações, no contexto intraurbano de Picos. A dinâmica processada, se faz, de forma contínua e ampliada, pois com a chegada dos novos moradores, atraídos pela capacitação profissional, via estudos, há necessariamente, uma demanda entre os mesmos.

Dentre tantas demandas, se considerarmos, os fluxos de parcelas populacionais, interessadas no fator estudos, conforme já esclarecido, é assistido um ampliado consumo de materiais e ou serviços escolares, espaços de moradia, bem como da rotatividade dos transportes, além claro, do consumo de bens duráveis e não duráveis.

Quando se associa ao fator emprego, além de uma série de outras demandas, já mencionadas, no território regional e de influências de Picos, tem-se uma construção diária, em

um processo cíclico, a partir das diferentes massas populacionais, que adentram aquela cidade, do fortalecimento e renovação, não só a capacidade funcional de Picos, como também, dos aspectos de policentrismo levantados, ratificadores da sua condição, enquanto uma Cidade de Comando Regional Piauiense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, se propôs a analisar a cidade de Picos/PI, enquanto uma Área Urbana Funcional (FUA). Esta condição, é justificada, por sua importância regional, dada a concentração de um amplo e diversificado quantitativo de equipamentos comerciais e de serviços, capazes de atender, um vasto número de pessoas, que diariamente, deslocam-se de seus municípios de origem e adentram Picos, em busca de consumir produtos e serviços, não encontrados, nas sedes de seus municípios e ou que, estão longinquamente concentrados, na capital de seu estado.

O cumprimento do papel, de uma Área Urbana Funcional, nos sertões do Piauí, tem fortalecido a constituição de um forte policentrismo regional. Com isso, os aspectos da morfologia e as relações entre áreas urbanas, tem de um lado, sido intensificadas, pelas diferentes interações, como também, dinamizado as relações espaciais, em seu território regional.

Os amplos fluxos diários, dão sustentação a este conjunto de condições, que se mostram, cada vez maiores e criadores de uma maior integração, no contexto regional. Na prática, significa reconhecer que Picos, tem fortalecidos laços de relações, entre os municípios polarizados, fato que incide, na reorganização da hierarquia urbana, na região analisada.

Com isso, vale reforçar que o comando regional, a partir da cidade de Picos, enseja não apenas, apontar o poder concentrador, de suprimentos, lojas e cabedal de serviços, capazes de saciar múltiplas necessidades materiais, por parte, de diferentes conjuntos populacionais interessados, mas sobretudo, em reconhecer, os motivos que lhe enquadrem como tal.

Amplia assim, o comando regional de Picos, a sua capacidade, não só de constituidor, mas também, de mantenedor de relações. Estas, se dão, entre os diferentes municípios, do conjunto polarizados/comandados por Picos, cuja principal marca, se faz manifestada, pelas interdependências constituídas, pelas interações espaciais, já caracterizadas.

## 4 REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. C. de. As cidades médias e suas inserções nos espaços regionais: o contexto do Sul de Minas. **Revista Territorium Terram**, v. 5, p. 64-79, 2015.



ANTIKAINEN, Janne. The concept of Functional Urban Area: findings of the ESPON Project 1.1.1. **Informationen zur Raumentwicklung**. v. 7, p. 447-452, 2005.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação: Sinopse Estatística – 2018. < <http://inep.gov.br/censo-escolar> >. Acessado em 17 de março de 2019.

DÜHR, S. Potentials for Polycentric Development in Europe: the ESPON 1.1.1 Project Report. Planning Practice & Research, Abingdon: **Carfax Publishing**, v.20, n.2, , p. 235-239, 2005.

ESPON. Potentials for polycentric development in Europe – Final Report 1.1.1. **European Spatial Planning Observation Network**, Comissão Europeia, Bruxelas, 2005. <[https://www.espon.eu/sites/default/files/attachments/fr-1.1.1\\_revised-full\\_0.pdf](https://www.espon.eu/sites/default/files/attachments/fr-1.1.1_revised-full_0.pdf)> . Acessado em 22 de fevereiro de 2019.

\_\_\_\_\_. The Functional Urban Areas Database – ESPON 2013, **Database**, 2011. < [http://database.espon.eu/db2/jsf/DicoSpatialUnits/DicoSpatialUnits\\_onehtml/index.html](http://database.espon.eu/db2/jsf/DicoSpatialUnits/DicoSpatialUnits_onehtml/index.html) > . Acessado em 22 de fevereiro de 2019.

FERRÃO, J. Regiões Funcionais, Relações urbano-rurais e Política de Coesão Pós-2013. Lisboa: ICS. Relatório Final. Julho, 2012. <[http://www.qren.pt/np4/np4/?newsId=1334&fileName=regioes\\_funcionais.pdf](http://www.qren.pt/np4/np4/?newsId=1334&fileName=regioes_funcionais.pdf)>. Acessado em 15 de janeiro de 2019.

FREIRE, H. P.; HOLANDA, V. C. C. A expansão do ensino superior nas cidades médias do nordeste brasileiro. In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016, São Luís. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, 2016.

GREEN, N. Functional Polycentricity: a Formal Definition in Terms of Social Network Analysis. **Urban Studies**, Essex: Longman Group, v.44, n.11, p. 2077-2103, 2007.

IBGE. Regiões de Influências das Cidades. Rio de Janeiro: FIBGE. 2007.

\_\_\_\_\_. Centros de Gestão do Território. Rio de Janeiro: FIBGE. 2014. <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv86286.pdf>>. Acessado em 15 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros. Rio de Janeiro: FIBGE, 2018. <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-dapopulacao.html?=&t=downloads>>. > Acessado em 15 de janeiro de 2019.

KARLSSON, C.; OLSSON, M.. The identification of functional regions: theory, methods, and applications. **Ann Reg Sci**, nº 40, p.1-18, 2006.

LIMA, J. G. Território atrasado com estratégias de desenvolvimento regional recentes: evolução do planejamento territorial no estado do Piauí. In: COSTA, R. S. S. (Org.). **Cenários geográficos e suas complexidades**. Teresina: IFPI, 215 p, 2017.

LIMA, J. G.; SILVEIRA, R. L. L da. Cidades Médias Brasileiras a Partir de um Novo Olhar Denominal e Conceitual: Cidades de Comando Regional. **Desenvolvimento em Questão**. n. 42, p. 8-41, 2018.



NUNES, G.; MOTA, I.; CAMPOS, P. Policentrismo Funcional: uma Avaliação dos Municípios Portugueses. **Revista Portuguesa de Estudos Regionais**, n.º 29, p. 27-38, 2012.

OLIVEIRA, A. T. R. de. Dos movimentos de população à pendularidade: uma revisão do fenômeno migratório no Brasil. **Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais - desafios e oportunidades do crescimento zero**. ABEP: Caxambu, 2006.

OLIVEIRA, H. C. M. de; SOARES, B. R. Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 52, p. 119-133, 2014.

PESSOA, R. P. P. **Urban Synergy looking for Dealing with Polycentric Development: The Case of the Metropolitan Agglomeration of Fortaleza**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Técnica de Delft, Delft, 151 p, 2010.

SILVEIRA, R. L. L.; BRANDT, G. B., FACCIN, C. R. , SILVEIRA, L. L., KUMMER, D. C. . Policentrismo, Áreas Urbanas Funcionais (FUAs) e Dinâmica Territorial: Um estudo exploratório desde a região do Vale do Rio Pardo - RS - Brasil. **Revista Redes, Santa Cruz do Sul**, v. 22, p. 184-217, 2017.